EDIÇÃO 002
MARÇO DE 2022.

O ODISSEU



“As Boas Bruxas da América Latina”

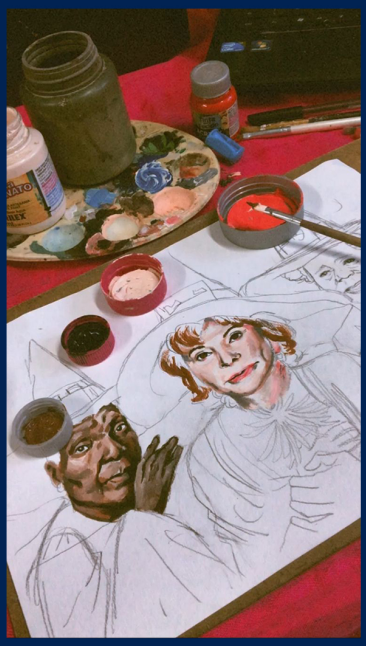
Luana Werb do canal “Abstração Coletiva” escreve sobre Isabel Allende, Marysé Condé e Conceição Evaristo neste mês internacional da mulher

“SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO”: Tônio Caetano estréia como colunista da Revista O Odiseu com uma apreciação do livro “Do Menino”, de Dalva Maria Soares

“ADÚLTERAS: CAPITU, RAMI E MURIEL”: Ricardo Luigui Živko escreve sobre o adultério na literatura de Machado de Assis, Paulina Chiziane e Godofredo de Oliveira Neto.

“Se o sentimento de ver tudo isso já é horrível, não onsigo imaginar a dor daqueles que perderam tudo, família e casa”, escreve Rodrigo Vilela, booktuber do canal “Leia Para Viver”, sobre a tragédia em Petrópolis, cidade em que mora.

Processo de criação do artista...







Maicon Aquino, @aquinarte, é o artista por detrás da capa da edição de março da Revista O Odisseu. A ilustração é uma releitura da clássica foto da banda Os Mutantes.

SUMÁRIO
SUMÁRIO
SUMÁRIO

“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece nos olhos das mulheres”
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r
“A noite não adormece r

“... A lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas

(...)”

Trecho do Poema “A Noite não adormece nos olhos das mulheres”, de Conceição Evaristo - Cadernos Negros, vol. 19.

Adúlteras: Capitu, Rami e Muriel

Ricardo Luigui Ziviko - Feira de Variedades Literárias.

Título provocativo eu sei, mas calma lá. Com esse título afirmo que essas três - Capitu de Dom Casmurro, Machado de Assis, Rami de Niketche, Paulina Chiziane e Muriel de Amores Exilados, Godofredo de Oliveira Neto - são adúlteras.

Comecemos pelo começo. Por muito tempo, a obra de Machado foi vista pelos olhos de Bentinho, mas sem saber que eram de Bentinho, sem perceber a corrupção narrativa que ele nos oferece implicitamente. O motivo é óbvio: o machismo da época. Capitu é adúltera, portanto culpada (culpada do que?). Chegou Helen Caldwell e falou opa, opa, pensa bem em quem é o narrador, vocês podem confiar nesse paranoico aí, colocando em dúvida a veracidade do narrador Bentinho? Acontece que, depois disso, o modo de ler se estagnou de novo, se popularizou. Agora é: Capitu não é adúltera, logo não é culpada. O culpado é Bentinho. Se observar bem é possível ver que a situação não mudou tanto assim, apenas retiraram de Capitu a culpa, mas mantiveram o peso do julgamento. Se tudo depende da traição ou não de Capitu, significa que a gente não liga para o que Bentinho faz, os dedos continuam apontados para ela. Não há aqui qualquer igualdade, pois do homem se espera o erro e não é difícil passar pano para ele, já a mulher se defende, com unhas e dentes, desde que ela não tenha errado. E que mal faz errar? Errar é humano, há muito tempo se diz. Um erro não justifica o outro. Por isso decidi ler o livro inteiro imaginando que Capitu é adúltera, e ao final da leitura, se me permitirem o maniqueísmo, Capitu está certa e Bentinho errado.



Não há nada que justifique as atitudes doentias daquele homem. E digo mais, ele só não traiu por falta de oportunidade.

Em Amores Exilados é nítido um jogo com Dom Casmurro, apesar de não ser esse o foco do livro. Fábio é Bentinho, Muriel é Capitu e Lázaro é Escobar, está fechado o triângulo amoroso. Dois exilados da ditadura militar do Brasil na França e uma francesa. Aqui há um extra, Muriel e Lázaro já tiveram um relacionamento antes de Muriel e Fábio, apesar de não sabermos isso logo de cara, apenas somos apresentados ao ciúme de Fábio. Em diferentes momentos do livro acompanhamos Fábio tomado de ciúme, tomando atitudes tóxicas e se desculpando em seguida. Normal (normal como algo corriqueiro, infelizmente). Até que chegamos ao auge da violência: Fábio deitou a amada na banheira, uma imagem já natural do banheiro daquele apartamento, portanto Muriel estava agora aliviada, diferente de alguns momentos atrás, quando estava assustada com a reação e com o semblante obscuro de Fábio devido a um evento que aqui eu irei omitir. É nesse momento de alívio, onde o medo perdido vira adrenalina, onde adrenalina vira tesão, que Muriel esperando receber o seu amado em formatos

e úmidos, recebe um objeto seco e afiado que logo se umedece com seu sangue. Talvez Godofredo de Oliveira Neto tivera um pensamento parecido com o meu, há mais tempo e com um estudo e bagagem literária muito maior. Pois, diferente de Dom Casmurro, onde não sabemos se Capitu traiu ou não, aqui temos, não o ato concreto, mas nuances de um adultério, uma mão boba aqui outra ali, um abraço cá e acolá. Adultério que não presenciamos porque era interrompido justamente pela presença de Fábio, que acabava de chegar da cozinha ou algo do tipo. Aqui se perde, então, o argumento de que Muriel não traiu, deveríamos aliviar, portanto, o incidente ocorrido acima? Podemos inocentar Fábio?

Para encerrar, convocarei Rami e um evento que ocorreu comigo há alguns dias, cujo fruto foi o texto de hoje. "Niketche: uma história de poligamia" é exatamente o que o nome diz, uma história de poligamia. Mas não uma poligamia oficial (não inicialmente). Mas, uma poligamia natural do homem moçambicano de Paulina Chiziane, da virada do século XX ao XXI. Uma poligamia natural dos coronéis da Bahia de Jorge Amado do século XX. O homem casado que deixa sua mulher em casa, destinada, seja pelos costumes ou tradições, aos afazeres domésticos, e que busca, encontra, usa e sustenta outras mulheres em outras casas. É nessa corrente que Rami, a primeira esposa, encontra, uma por uma, outras quatro mulheres, usadas e descartadas como ela, objetos de efêmero prazer e procriação: Ju, Lu, Saly e Mauá. O livro rende diversas discussões, na prosa da contadora de histórias Paulina Chiziane há vários elementos para discutir o machismo, a desigualdade entre homens e mulheres, o peso da tradição e o conflito cultural entre nortenhos e sulistas, tudo isso em Moçambique é claro, apesar de podermos associar ao nosso tempo e espaço. Além de outros temas, mais positivos, como a sororidade e a emancipação feminina. Portanto, foram exatamente esses temas que foram discutidos em uma aula do componente curricular "Literaturas africanas de expressão portuguesa". Uma discussão interessantíssima, acalorada, mas que em dado momento o professor questionou, e tal questionamento me fez pensar, pois até eu havia esquecido de comentar algo do texto. Que Rami também traiu, que se entregou a outros dois homens que não eram o seu marido. Seguindo na mesma linha de raciocínio de antes, não podemos julgar Rami por isso, uma mulher abandonada dentro de uma casa, dentro de um casamento, com cinco filhos, com outras quatro "rivais" declaradas e outras para surgir a qualquer instante. Uma mulher sem amor, sem calor na cama que não fosse o seu. Com um fogo dentro de si que esfriava com o tempo por não haver quem o apagasse (e por não saber ela que o podia apagar também). Tudo bem, creio que isto era de consenso por todos que discutiam o livro naquela aula, a questão é, porque todos ocultaram, mesmo que inconscientemente, essa faceta adúltera de Rami no seu discurso? Era medo de que talvez ela perdesse a credibilidade? De que o próprio discurso perdesse a credibilidade por estar pautado em uma adúltera?

Talvez o grande problema seja, ainda hoje, a necessidade constante de colocar a mulher em uma posição de Santa, de pura pureza. Alguém que não erra, que não peca. Alguém bom, acima de tudo. A necessidade, então, de objetificar, de fetichizar a mulher para poder defendê-la. A igualdade só é possível se considerarmos, dos dois lados, pessoas reais, e não de um lado pessoas reais, e do outro pessoas ideais. Creio que todo o texto e todos os exemplos eram para no final chegar a essas pequenas frases, mas além delas, onde espero não estar totalmente equivocado e sendo preconceituoso, pois sempre há um medo em se escrever fora do local de fala, deixo de brinde três recomendações de três livros incríveis.

REVISTA
O ODISSEU
COLUNISTA



Ricardo Luigui Živko

Olá pessoal, me chamo Ricardo Luigui Zivko (se pronuncia Giuco). Sou Esloveno e Brasileiro. Moro no interior do Paraná. Sou Germiniano. Meu número da sorte é 16. Estou cursando Letras. Adoro ler, escrever, ouvir música e tocar baixo.



A Fúria de São Pedro

Ewerton Ulysses Cardoso - Coluna do Desassossego



"Eu darei a ti as chaves do Reino dos céus; o que ligares na terra haverá sido ligado nos céus, e o que desligares na terra, haverá sido desligado nos céus"

Mateus 16:19
(Versão Bíblia King James Atualizada)

Amigo,
Noite intranquila tivemos por aqui, pois as primeiras gotas de chuva sobre nossos telhados nos remeteram aos traumas recentes do fim do mundo no ano de 2011. Noite de ano novo, agora véspera de carnaval. Uma década e um ano depois... Não parece ter sido todo esse tempo. Não parece...
Andei pensando um tanto sobre catástrofes e coisas do tipo. É impossível não recorrer à ideia de punição ao ver nosso chão se desfazer em sulcos uniformes. Massas pastosas, ainda que maciças. Maleável lama que se transforma em rochas, tal quais os magmas que viram solo.
Desde o começo dos tempos, a ira dos deuses recai sobre a humanidade inadimplente de seus deveres. O fim do mundo já ocorreu várias vezes. Em frenéticas tentativas os soberanos buscaram exterminar os humanos, ao mesmo tempo, em que buscaram preservar a exceção.
Noé entrou na arca com sua família e um casal de cada bicho, ser vivente da Terra. Após a chuva que acabou com o mundo, os humanos gerados de Noé não puderam ser melhores que os antecessores. Pois, a verdade é que não temos rumo, somos imperfeitos. Mas Deus não aceita imperfeição, embora nos tenha feito assim.
Soube que existem diversas lendas e mitos que retornam ao dilúvio, mesmo nas diferentes religiões e regiões do mundo. Todos acreditavam que o dilúvio foi a nível global, mas talvez só se conhecesse um pedaço de terra limitado. Talvez não tenha sido um, mas diversos dilúvios. Como os que vieram a nós na última semana: terça-feira à tarde, quarta-feira madrugada.
As sirenes, meu amigo. Demônios de bocas arreganhadas gritando gemidos horripilantes. Minha pele arrepiava. Era o fim do mundo, te digo. E foi.
O morro veio abaixo e eu me perguntei o que encontrou o Imperador nessas bandas... Terra de príncipes, lugar de realeza. Corte de Luís XIV aos avessos.
O Rio sofre com uma classe de governantes salafrários desde sempre. É nossa tradição centenária. Exploram À terra, o povo, subjugam o pobre, desassistem as viúvas e nem os órfãos se salvam. Do alto dos morros não se conhece o rosto a quem se deve obediência. Quem são? Raramente sobem as escadarias, becos, vielas, barracos, cortiços. São os homens de farda quem sobem as ladeiras, mas esses nos aparecem que revólveres do tamanho de meu braço inteiro. Chutam as portas, chutam as mães de adolescentes.
Porque nós não sabemos escolher, amigo. Mas é esse erro nosso tão cruel a ponto de merecermos isso? Será que somos os piores seres humanos? Será que as mães de nossa terra precisam pagar preço tão caro por acreditar em discursos bem articulados? Ou não deveriam ser os nossos algozes os punidos? Não foram eles que nos enganaram? Será? Será que o nosso pecado é tão insuportável a ponto de merecermos as desgraças que nos sobrevém? Será que não podemos reclamar do nosso fardo de dor? Punição.
Seja qual for o ato nosso, não se justifica a abertura das comportas do céu nessa brutalidade. Me recuso a buscar um deus que não sinta compaixão de mim. Ainda que cerque os meus caminhos com espinhos, se tudo isso desaguar em amor eu me rendo. Aceito. Peço perdão, em carta aberta. Peço que as misericórdias não se acabem. Peço que me dê forças para reconstruir meu lar. Tenho a breve sensação de que serei ouvido algum dia desses. Até lá, seguirei cavando a lama que um dia foi meu endereço.

REVISTA
O ODISSEU

EDITOR-CHEFE



Ewerton Ulysses Cardoso

Sou baiano e minha baianidade me define. Sou comunicador e estudante de Economia pela Federal da Bahia. Escrevo, quando posso, leio sempre e trabalho mais do que qualquer pessoa que conheço. Criei a Revista O Odisseu pel necessidade urgente de falar sobre o que lia. Equilibro minhas funções com fé, posicionamento e coragem. Antifascista.

+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas m
+ de 200 pessoas m
+ de 200 pessoas m
+ de 200 pessoas m
+ de 200 pessoas m
+ de 200 pessoas m
+ de 200 pessoas m
+ de 200 pessoas m
+ de 200 pessoas m
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.
+ de 200 pessoas morreram na tragédia em Petrópolis.

AJUDE PETRÓPOLIS:

Envie doações por meio da Equipe de Responsabilidade Social Vozes da Comunidade. Envie o seu PIX para o CNPJ 21.317.767/0001-19.

Envie suas doações diretamente para o Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis. Faça sua transferência para a Agência: 2885-1/ Conta 127599-2/ CNPJ: 27.219.757/0001-27- Banco do Brasil.

Ajude por meio do Projeto SOS Serra por meio do PIX (24) 99303-8885.

É importante!

A convite da Revista O Odisseu, o Youtuber e criador do canal "Leia Para Viver", Rodrigo Vilela, escreve à Revista O Odiseu sobre a tragédia em Petrópolis. A equipe da Revista já conhecia e recomenda o trabalho do Rodrigo no Youtube, e sabíamos que ele é residente de Petrópolis, por isso ficamos muito preocupados. Quando o próprio Rodrigo se manifestou no Instagram, ficamos mais calmos e felizes. Com muita atenção, Rodrigo escreveu um pouco sobre o que viveu durante as chuvas de fevereiro de 2022.

"Meu nome é Rodrigo Villela e sou carioca, morador de Petrópolis desde 1996. Tenho um canal literário chamado Leia Para Viver, onde falo sobre livros e quadrinhos. Sobre a tragédia em Petrópolis, acho que posso explicar o sentimento tanto como morador, quanto como leitor. Moro um pouco distante do local onde tudo ocorreu (centro da cidade e proximidades) mas estou sempre por lá. Na terça-feira, eu e minha família estávamos em casa, somente minha irmã estava na cidade, trabalhando no curso de inglês onde dá aulas. Ficamos sabendo através dela que o rio que corta a cidade encheu e que ela não tinha como sair do local pois estava tudo alagado. Até então tudo bem, pois é algo que acontece com certa frequência em algumas partes da cidade. Só que, pouco depois, observamos nas redes sociais que a situação estava crítica: deslizamentos, muitos carros ou ônibus arrastados etc. Uma situação horrível.

O choque veio depois, com as notícias das mortes e desaparecidos. Vi alguns conhecidos publicando fotos de parentes que não tinham voltado para casa e não atendiam o celular, fora vários outros que não conhecíamos fazendo a mesma coisa. Pouco a pouco, com o resgate dos bombeiros, algumas dessas pessoas foram encontradas sem vida, várias outras ainda seguem desaparecidas. Se o sentimento de ver tudo isso já é horrível, não consigo nem imaginar a dor daqueles que perderam alguém. Tenho, inclusive, um conhecido que perdeu tudo, família e casa. É desesperador.

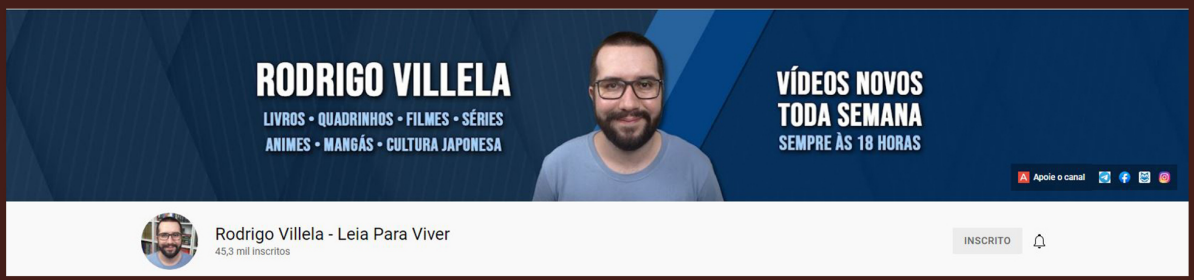
Petrópolis é uma cidade linda, com um centro histórico rico, museus e belas praças. Ver tudo isso danificado ou na lama também foi bem doloroso, sendo um local que frequento sempre e que sou completamente apaixonado. Felizmente, muita gente está ajudando na reconstrução, limpeza e auxílio aos desabrigados. Vejo muitas campanhas pedindo doações de alimentos, dinheiro, roupas e coisas assim.

Sobre o impacto como leitor e apaixonado por livros, acho que o caso mais emblemático, na minha visão, foi o que ocorreu na Livraria Nobel, no final da rua 16 de março. Toda a rua foi afetada, existem imagens e vídeos mostrando produtos carregados pela água. No caso da Nobel, a imagem que circulou com inúmeros livros molhados e empilhados na frente da loja foi algo que me doeu bastante. Faz muito tempo que sou frequentador dessa livraria, cheguei até a morar num prédio próximo dela. Ficava sempre ali, fazendo hora, vendo os lançamentos, folheando os livros, comprando alguns exemplares. É um dos meus locais favoritos em Petrópolis.

Soube também, através de familiares, que um dos sebos da cidade perdeu centenas de livros. Como já fui dono de uma loja virtual de livros usados, me solidarizo muito com a situação, ainda mais sabendo como é difícil manter um sebo no Brasil.

Petrópolis é uma cidade que, infelizmente, não conta com muitas livrarias e sebos físicos, o que piora tudo ainda mais. Como apaixonado por livros, ver algo assim é muito triste e doloroso. Fiquei comovido com o que ocorreu e torço para que todos os estabelecimentos afetados pelas chuvas consigam se reerguer diante desse cenário."

CONHEÇA O TRABALHO DO RODRIGO VILELA:



“O ESTRANGEIRO”

Gil Moreira

Imagine uma longa estrada estendida até o limite do nada. À beira dessa estrada situa-se um luxuoso palacete, um casarão em pedras douradas com uma aparatosa fachada, desenhada em traços e arabescos tão belos que a todos que por ali passavam, encantava. Nessa imponente residência, mora um psicopata de nome Dasman. A sua mente é como a paisagem em frente à sua mansão, um triste deserto que nas manhãs de sol incandescente, por sobre o seu asfalto pedregoso, abre-se em um efeito luminoso, um espelhismo flutuante, abrasivo e penoso. Uma mente árida e seca, tão agressiva e rude quanto o que há de mais ríspido, cortante e bruto.

Postada no meio da estrada fantasma, a suntuosa habitação observa, com seus olhos de janela, a escaldante rodovia, ladeada pela planície de mato seco e morto. Enquanto isso, do interior de sua mansão, o psicopata planeja, conspira e arquiteta o passo-a-passo de sua próxima maquinação. Sua mania? Fazer com que todos e todas se inclinem, se enquadrem ao seu sistema de pensamento, déspota e opressor. Em seus aposentos, o maníaco mantém, sob o melhor estado de conservação, muitos de seus instrumentos de tortura e despersonalização: chicotes, forquilhas, garrotes, dezenas de ferramentas cortantes, esmagadores, manivelas. Mas além de todos esses aparelhos de correção, ele também abriga, a todo zelo, um ideômetro, dispositivo medidor de pensamentos capaz de indicar quais os níveis e preferências ideológicas de cada indivíduo. Um, para os jugulados compatíveis. Dois, para os tipos toleráveis e três para os sujeitos incompatíveis!, repete o Dasman, todos os dias consigo. Seu método de enquadramento é muito Se o índice ideológico de sua vítima sugerir os números dois ou três, o Dasman marca o indivíduo a ferro e a fogo. Como um fazendeiro marca o ferrete no couro de sua boiada, ele tatua e incute suas ideias nas mentes de suas vítimas. Ferro e brasa, ferro e brasa, estica, puxa, sangra e rasga. E assim o Dasman vai ajustando o nível de compatibilidade ideológica dos indivíduos, até que o aparelho medidor passe a apontar o Um, índice de ideias compatíveis. Todos os dias pela manhã, como um poste rijo e ereto, o Dasman se posiciona em frente ao seu majestoso palacete. Olhar fixo, compenetrado no asfalto aplainado da rodovia. Ânsia à espera dos viajantes, andarilhos e imigrantes que cruzam a velha estrada em busca de novas oportunidades em outras regiões e lugarejos.

Quando os viajantes passam em frente à sua aparatosa moradia, o Dasman lhes oferece comida e abrigo. Horas mais tarde, lhes entorpece submetendo-os ao seu aparelho medidor. Se o ideômetro marcar dois ou três, o maníaco puxa, estica e esfola até fazer com que os pensamentos dos viajantes se adequem milimetricamente a suas ideias.

Um certo dia, postado em frente ao seu palacete, olhos fixos na beira da estrada quente e atapetada, o Dasman foi surpreendido por um tipo estranho que repentinamente surgiu do nada. O estrangeiro vinha devagar, exibia uma feição resoluta, tranquila e serena. Tinha longos cabelos brancos, uma pele luzidia e avermelhada. Seus olhos eram negros, incisivos e penetrantes. Seu nariz era comprido, largo e reto. Nos lábios grossos, trazia uma expressão dura e intrépida. Um emaranhado de fios acinzentados se misturava, enroscando-se involuntariamente em sua longa barba grisalha. Possuía um andar marcadamente forasteiro. De pouco em pouco, lançava seus passos em direção a porta de entrada do pomposo edifício. Após alguns segundos, o andarilho alcançou a fachada do palacete. Olhou nos olhos do Dasman, lhe pediu comida e abrigo. Sem fazer muita cerimônia, o Dasman se

FOOTO DE AXEL ERES - DISPONÍVEL NO BANCO DE FOTOS UNSPLASH,



FOTO DE JULIA KADEL - DISPONÍVEL NO BANCO DE FOTOS UNSPLASH



solícito. Com um semblante dissimulado, sedutor e alienante, abriu passagem para que o viajante adentrasse em sua suntuosa residência. Em marcha lenta, cruzaram o pátio ornamentado por pequenos arbustos, jardins com esculturas, fontes e espelhos d'água com chafarizes iluminados por raios de luzes douradas que atravessavam todo o pátio como um prisma em perfeita harmonia. Seus efeitos reluzentes destacavam esculturas de mármore, bancos e mesas de cristal sombreadas por árvores de copas abarrotadas de frutos vermelhos e amarelos, jambos, maçãs e peras. Filetes de estames vermelho-púrpura, recém caídos das flores do jambeiro, espalhavam-se à mistura do verde-gramado estendido por todo o jardim.

Com o olhar ensoberbado, o anfitrião percorreu o caminho de pedras e seixos coloridos que serpenteava o passeio do pátio até adentrarem no luxuoso salão do edifício com piso de mármore e paredes em um tom suave, iluminadas por uma luz âmbar. No teto havia uma cúpula com vitrais em desenhos de pessoas com expressões extravagantes. Envidraçadas, observavam os dédalos de salas e corredores com passagens labirínticas e muitas escadarias em balaustradas metálicas com detalhes em motivos florais, todas elas trabalhadas em fio de ouro.

Ao penetrar em um dos corredores da habitação, tomada em toda sua extensão por uma atmosfera carregada, por um aspecto sombrio, o viajante notou algo de estranho; não compreendeu o porquê de tantas passagens, corredores e portas que de tanto em tanto iam se estreitando e se estreitando, coisa que dava ao casarão uma aparência enigmática, uma forma confusa, uma visão sinuosa e intrincada. Mesmo tomado pela sensação de incompreensão desconfortante, o visitante não desistiu, abstraiu e continuou com a caminhada. Acompanhou o anfitrião que prosseguia em uma lenta marcha. Um atrás do outro, os dois alcançaram um apertado compartimento, uma espécie de copa. Depois de dizer mil palavras sem muito sentido, o Dasman lhe ofereceu uma bebida, porém o visitante recusou o que parecia ser um liquido espesso e escuro. O Dasman, então, apontou para um dos cômodos da casa localizado num dos corredores à direita. Local onde, de acordo com ele, o andarilho deveria descansar de sua longa jornada. O viajante não hesitou, em passos lentos, se dirigiu até o pequeno dormitório sem janelas. Ao entrar no quarto, se viu invadido por um sentimento pavoroso, algo que lhe provocava formigamentos na região posterior do pescoço e que, lentamente, subia e subia se espalhando por sua nuca, provocando-lhe estranhos arrepios, medonhos calafrios. Parado debaixo da porta, suspirou fundo jogando o ar abafado para dentro dos pulmões. Apreensivo, passou a se ocupar da parca mobília que preenchia o pequeno quadrado. Olhou ao redor, viu uma cama de madeira com um mecanismo regulável numa das pontas, estava encostada junto a parede de aspecto gasto, em um tom de amarelo-bolor. Ao lado, havia uma mesinha de cabeceira com um exemplar de um livro desconhecido. Na outra ponta do quarto, uma mesa de metal com uma cadeira e um armário sem portas onde haviam algumas peças de roupas dobradas. Deu mais alguns passos, repousou seus pertences em cima da mesa e se preparou.

Horas mais tarde, o Dasman deu três batidinhas na porta e entrou no quarto. Trazia um cálice de vidro coberto por um líquido verde e espesso até a borda. Ao se deparar com o excêntrico anfitrião segurando o



FOTO DE ASHKAN FEROUZANI - DISPONÍVEL NO BANCO DE FOTOS UNSPLASH

recipiente junto a porta, o visitante desenhou em seu rosto uma expressão pitoresca. Bem sabia das intenções do maníaco postado a sua frente.

Após uma breve conversa, o Dasman tentou entorpecer o forasteiro com o intuito de submete-lo ao seu ideômetro. Contudo, o monstro acabou surpreendido. O estrangeiro, cujo nome nos é conhecido, revelou-se singular e audacioso. Em meio ao ambiente apertado, escuro e sombrio, lutou corpo-a-corpo com o monstro asqueroso.

Depois de algum tempo de muito combate, choques e conflitos, o estrangeiro aplicou um golpe certeiro na fronte do maníaco, abrindo-o ao meio. Ainda eufórico, o forasteiro saiu em grande disparada pelos compartimentos que esquadrinhavam canto a canto do palacete. Percorreu os diversos corredores, subiu e desceu por dezenas de escadas, errou por fendas, atravessou por passagens e orifícios e assim libertou todos os indivíduos que ali se encontravam enjaulados.

Na manhã seguinte, iluminado por um sentimento envolvente, cheio de brilho e perspicácia, o estrangeiro fez café, cantou e dançou ao sabor do novo tempo, alegre e florido. Lúcido e sereno, suspirou aliviado. Cruzou as dependências do palácio fantasma, atravessou pela entrada arqueada, contemplou os céus em tons azulados e prosseguiu com sua idílica jornada deslizando pela longa estrada.

FOTO DE RYOJI IWATA - DISPONÍVEL NO BANCO DE FOTOS UNSPLASH



"A MOÇA DO CRUZAMENTO", DE PEDRO DELAVIA.

A avenida estava cheia. Todas as pessoas ocupadas em seus pensamentos e preocupações. Algumas distraídas, outras muito atentas. O centro daquela cidade, àquela hora do dia, formigava de transeuntes.
O sinal de pedestres ficou vermelho e os carros avançaram. As motos, com pilotos aflitos pelos prazos, saíram na frente, quase cortando o sinal fechado. Todos muito apressados. Dois aglomerados se formaram naquele instante, um grupo de pessoas de um lado da rua, e outro do outro.
De repente, alguém berrou alto. O primeiro pensamento de quase todos foi algo do tipo: "Ixi! Atropelamento!" ou "Alguém foi assaltado?", ou também "Mais um suicídio, não, vai?!"
Mas não era nada disso. A mulher que deu o primeiro grito logo foi seguida por muitos outros, berrando a plenos pulmões. O motivo do espanto, e das pessoas abrindo caminho aos solavancos, era a imagem espectral de uma moça ensanguentada. Alguns distraídos até atravessaram a mulher, sem repararem que cruzaram um corpo intangível.
A fantasma levantou um dedo, apontando para um jovem que, absorto no som de seus fones de ouvido, não a tinha ainda reparado. Assim que a viu, o jovem abriu a face num esgar de puro pavor. Deu passos trôpegos para trás e acabou sendo arremessado por uma lotação.
Assim que o jovem foi espatifado, o espectro ensanguentado desapareceu. A justiça fora muito tarde, mas não falhara.

COLUNA FICCIONADO.

A Terceira Temporada do Podcast O Odisseu já está entre nós!



Ouça agora o episódio "Negritude, Literatura e Violência Policial" no Spotify!

REVISTA O ODISSEU
COLUNISTA



Pedro Delavia

Musico e professor de musica, Pedro também cursou Pedagogia e Letras na UFMG, mas, aleatoriamente, não concluiu nenhum graduação. Escreve desde sempre e, atualmente, mantem um diari de escrita no site pedrodelavia.com.br, onde posta diariamente sua produção prolífera. Ama seu filho homonimo, os bichos e os livros. E antifascista e defensor de todas as pautas identitarias.



KRAMP: OS VAZIOS DE MARÍA JOSÉ FERRADA

Lili Baillargé

Com frases curtas, poucas, todavia, certeiras palavras e feita 95% com produtos Kramp, estreia da chilena na ficção para adultos deve cair na probabilidade, resistir a terremotos e tornados para permanecer através do tempo ao escolher M, uma garotinha de sete anos, para ser protagonista de um drama familiar dentro de um cenário assombrado pelos fantasmas deixados por Pinochet e seus demônios.

Filha de um caixeiro-viajante e de uma mãe ferida de múltiplas formas pelo regime de terror do seu país, M fica encantada com a história do pai, e deixa a escola, secretamente, e a mãe, algumas vezes por semana, para acompanhá-lo como ajudante no ofício percorrendo cidades e vilarejos, vendendo produtos de serralheria da marca Kramp.

"Aos sete anos [...], escutei pela primeira vez a história da alunissagem e sua moral: com os sapatos bem lustrados e o traje adequado, tudo é possível. E, acho que para me prevenir sobre a natureza da vida, D acrescentou que também era necessário ter um pouco de sorte.

Nessa mesma tarde limpei meus sapatos de verniz com uma escovinha, coloquei um vestido verde combinando com meias verdes e decidi que seria a ajudante de D." (p.14)

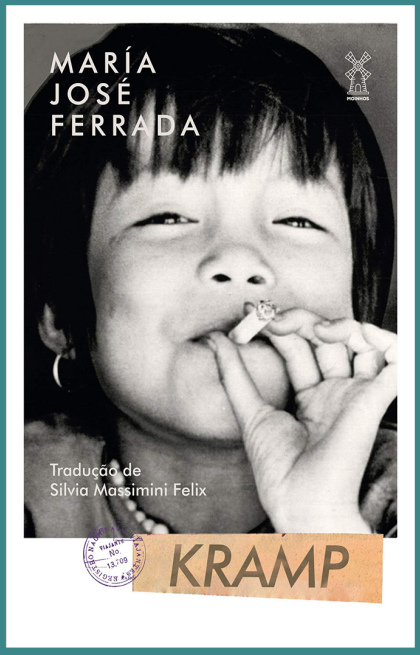
O ingresso precoce de M no mundo dos adultos, sua chamada educação paralela, nos dá acesso com uma visão singela e uma linguagem bonita, metáforas divertidas em boa parte, às dificuldades do ofício do pai, às artimanhas para conseguir o suficiente para terminar o mês e ao buraco deixado por quem regou com sangue e poluiu com o medo o solo e o ar do Chile.

Essa linguagem mostra sua conexão com o pai, são dos momentos com ele que surge sua forma tão singular de expressar, entretanto, o próprio uso da inicial D para falar do pai, e o fato da mãe ser chamada apenas de mãe, pareceu indicar que ela enxerga essas relações de forma bem distinta, ambas tem distanciamento, contudo ela descobre, e verbaliza isso, que a distância da mãe tem um bom motivo ("uma mãe inteira teria notado"), enquanto a do pai é por "ele não ser grande coisa como pai, mas um excelente patrão.".

"O que quero dizer é que cada pessoa tenta explicar o mecanismo das coisas com o que tem em mãos. Eu, aos sete anos, tinha entendido a minha e topado com o catálogo da Kramp." (p. 18)

O ponto mais importante talvez seja o espaço-tempo. Nós não podemos esquecê-lo, o uso de palavras e construções fáceis de entender, os capítulos super curtos, assim como o tamanho da obra, talvez leve muitas pessoas a embarcarem em um avião a jato, a concluir em uma sentada, há uma composição que permite isso, essa velocidade, mas não o faça, aceite seu barco a vela simples para viajar nessas páginas. Lembre-se que é narrada por uma menininha, lembre-se que as pessoas evitam normalmente contar coisas da mesma forma que contariam a outras pessoas e perceba todos os sinalizadores mais sutis, mais mascarados para compreender, antes do momento em que será impossível mesmo para uma leitura descuidada descobrir que tipo de livro é Kramp: duro, dolorido,

Tenho minha epifania, perto do fim. Percebo diante dos olhos minhas partes fragmentadas unidas com tachinhas, pregos, parafusos e porcas da marca Kramp tentando formar uma unidade e conseguindo resistir por quase toda obra por sua dicotomia: momentos de luminosidade, uma linguagem divertida, dividindo lugar com uma sombra densa, os buracos. Essa estrutura cheia de vazios que ficou não resistiu ao último tremor de terror, a última ventania. Encerrei Kramp com uma alma remendada 80% por peças do catálogo, caio na improbabilidade com M, tudo se solta, somos um amontoado de palitos.



REVISTA
O ODISSEU

COLUNISTA



Lili Baillargé

Olá, sou a Lili, e tenho uma história um tanto curiosa com a leitura, o hábito veio depois de sentir necessidade de escrever com 14 anos, ainda que fosse só para esvaziar minha cabeça, queria saber como poderia fazer isso melhor, muito rápido ler se tornou tão importante e tão frequente quanto escrever

CONHEÇA UM POUCO DO TRABALHO DA LILI, SIGA @thedarksideofrainbow





As Boas Bruxas da América Latina

TEXTO DE CAPA - POR LUANA WERB

Então eu li o "Mulheres de minha alma", livro de Isabel Allende, publicado no Brasil pela Bertrand. E decidi transformar a leitura em um "ouvi dizer". Porque as boas narrativas são assim, transitam entre a escrita e a oralidade. Nada que fuja à proposta da obra: um bate-papo informal entre Isabel e seus leitores, acostumados a ver na figura da autora chilena um exemplo e inspiração.

Ouvi dizer que esta história inicia na pandemia. Em março de 2020, o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde, aquele que tinha um nome difícil, anunciou que o surto do novo coronavírus passaria a ser caracterizado como uma pandemia. Existiam, até aquele momento, cerca de 118 mil casos registrados da doença em 114 países. Aos governantes em todo o planeta, eram demandadas medidas urgentes e agressivas.

Isabel, que vivia na Califórnia com o marido e suas cachorras, percebeu rápido a gravidade da situação. Isolou-se do mundo. Sua maior preocupação era manter a família a salvo, além de tornar mais leve a convivência forçada com o marido. Ambos procuraram manter uma rotina de trabalho, para que os momentos compartilhados, de leitura e programas de televisão, fossem de puro entretenimento. A preocupação da escritora se mostrou válida: o Brasil, que aqui servirá de exemplo, registrou um número recorde de divórcios em 2021.

Passava horas no sótão, sozinha, escrevendo. Para muitas de nós, as privilegiadas, o isolamento na pandemia foi um momento de introspecção. Talvez por esse motivo Isabel tenha decidido escrever o "Mulheres de minha alma", livro autobiográfico, em que relembra e festeja momentos importantes da sua carreira. Contava já seus 77 anos, idade propícia para este exercício.

Há uma constante na sua trajetória: o feminismo, que possibilitou todas as suas conquistas. A primeira frase do "Mulheres" já mostra a que veio: a autora chilena afirma que é feminista desde o jardim de infância. Seu feminismo nasce a partir da observação e da revolta. A mãe, Panchita, foi abandonada pelo marido quando Isabel era ainda uma criança. Sem uma profissão ou recursos, Panchita foi obrigada a retornar à casa dos pais. A filha entendeu bem rápido o feminismo como uma possibilidade de diminuir a desvantagem das mulheres com relação aos homens. Uma aposta, portanto, em uma sociedade mais justa.

Panchita nasceu vinte anos antes de Isabel, e não conseguiu elevar-se com a onda do feminismo. Gostava de pintar, mas jamais transformou o gosto em ofício. Na sociedade chilena da década de cinquenta, suas possibilidades eram bastante limitadas. A filha, no entanto, alcançou oportunidades que sua mãe não teve, incluindo o maior de todos os dotes: o poder da escolha. Viveu muito, e intensamente, com um entusiasmo irrefreável e uma energia exuberante. Trabalhou como jornalista, antes de viver da literatura. Casou três vezes, teve dois filhos e uma vida digna de nota.

Ouvi falar, e agora a história fica ainda mais interessante, que Isabel publicou seu primeiro livro, "A casa dos espíritos", com quarenta anos. Diz ela que tinha a sensação de estar invadindo um terreno proibido. Vale mencionar que o romance foi lançado em um período imediatamente posterior ao boom da literatura latino-americana, cujos principais representantes, dentre eles Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa, eram todos homens.

A história de Clara, Blanca e Alba, três mulheres da família Trueba, ganhou o mundo, tornando-se rapidamente um best-seller. Ao lado de Isabel estava Carmen Balcells, sua agente literária, que não só apostou na literatura da chilena, como também em uma mudança no mercado editorial. Ficou evidente que existia espaço para a comercialização de livros de autoria feminina. Isabel tornou-se um rosto conhecido, ganhando premiações importantes, como o Nacional de Literatura do Chile, muito importantes no seu país.

A autora de "A casa dos espíritos", como a conhecemos, não existiria sem Panchita, sua mãe, e Carmen, sua agente. Outras figuras femininas foram igualmente determinantes. O amor de Isabel por aquelas que em algum momento cruzaram o seu caminho é tamanho que são citadas no "Mulheres" até mesmo as amigas mais íntimas, companheiras de risadas e horas de chá. O grupo é autodenominado "Irmãs da Perpétua Desordem". A sugestão de uma "irmandade" me estimula a convidar outras mulheres para este espaço, duas boas bruxas, também escritoras admiráveis.



FOTO DE DANIEL ROLAND

A primeira é Maryse Condé. Nascida cinco anos antes de Isabel, em 1937, Maryse é natural da ilha de Guadalupe, no Caribe, ainda hoje território francês. Constantemente, escreve sobre a população negra e a diáspora africana, especialmente na região das Caraíbas. Em 1986, publicou um de seus livros mais conhecidos, "Eu, Tituba: bruxa negra de Salem", obra na qual dá voz a uma mulher escravizada, acusada de bruxaria, episódio conhecido da história estadunidense.

A segunda escritora é Conceição Evaristo, nascida em 1946. Brasileira de Minas Gerais, viveu seus primeiros anos na favela do Pindura Saia, na zona sul de Belo Horizonte. Lançou em 2006 "Becos da memória", romance que destaca personagens negros e marginalizados. "Becos" é uma "ficção da memória", escrito de forma a confundir a invenção com a experiência de vida da própria autora.

Ao tornarem-se romancistas, Maryse e Conceição também "invadiram um terreno proibido", como bem definiu Isabel Allende. Porém, com um agravante: eram mulheres pretas, em um espaço tradicionalmente pertencente à branquitude. Demoraram a alcançar o reconhecimento que lhes era devido. Consta que "Becos da memória" demorou vinte anos para ser lançado, após tentativas frustradas de publicação.



Falo sobre estas três latinas porque, na minha opinião, todas se notabilizaram por darem voz e protagonismo às mulheres. Cada qual com suas especificidades, estão conectadas, não só por pertencerem a uma mesma geração, mas por terem ocupado espaços que agora são nossos em definitivo. Acenderam suas tochas no fogo daquelas que as precederam, e através do seu trabalho, possibilitaram que outras tochas fossem acesas.

Isabel, Maryse e Conceição entenderam a escrita como herança e como legado. Escrita como herança porque reúne a vontade de muitas. Isabel, todos os dias ao despertar, saúda a presença do espírito de Panchita, que a acompanha sempre. Tituba, personagem de Maryse, recebe conselhos dos mortos e forças ancestrais. Conceição, finalmente, cria sua ficção a partir das palavras e da memória de sua mãe. Às filhas, coube viver a vida que suas mães não puderam viver.

Escrita como legado porque abre caminho para as próximas gerações. As três latinas criam sua ficção a partir da própria vivência, e da vivência de outras mulheres. O feminino em sua pluralidade, assunto este que, durante séculos, foi secundário na literatura canônica. Até mesmo personalidades históricas como Tituba, sobre as quais sabemos tão pouco, ganham uma origem, história e perenidade.

Há boatos de que este livro, o "Mulheres de minha alma", não é dos melhores, mesmo pensando em outras obras de não-ficção da mesma autora. Mas neste momento, isso não me importa. Mencionei antes que Isabel começou a feitura deste texto em março de de 2020, quando sabíamos tão pouco sobre a COVID-19 ou os desafios que ainda enfrentaríamos. Gosto de imaginá-la no sótão de sua casa, cercada pelas pinturas de Panchita, talvez algumas edições de seus próprios romances, pensando em tudo o que foi conquistado, em tudo o que virá a seguir. Com um sorriso no rosto. O mundo mudou em cinquenta anos. Não tão rápido quanto gostaríamos, mas sem dúvida em um movimento que torna mais comum o encantamento. Boas bruxas. Como disse um dia Conceição, com poções mágicas de escrita.

A ESCRITORA MARYSE CONDÉ





ILUSTRAÇÃO DE CRISTIANE ALVARENGA (@abstratas_cristianealvarenga).

Na literatura um caminho.

Aline Félix - Fração de Livro.

"Então, hoje encontrei uma ex-colega de trabalho, tudo foi muito bem até que ela falou que não era feminista, que o caminho não era esse... porque vai ter briga igual ou até mais..."

Essa foi a primeira frase que li da mensagem que a Cris (do @abstratas_cristianealvarenga) me enviou, só depois de mais algumas considerações ela me desejou "Bom dia" (considerando a primeira frase, compreensível, certo?).

Minha resposta foi mais ou menos assim: "Ué, por que você não disse para ela ler Sejamos Todos Feministas (Chimamanda Ngozi Adichie) ou O feminismo é para todo mundo (bell hooks)?". Realmente acredito que a literatura é um caminho para que possamos entender/explicar pontos de vista diferentes.

Mas depois fiquei pensando nessas dicas e nas mulheres que conheço e que se dizem não feministas. Então, lembrei de um dos livros que li em janeiro, Mulheres de Minha Alma, da escritora chilena Isabel Allende, onde ela faz um apanhado sobre o feminismo na sua vida.

Allende conta sobre suas atitudes feministas (que aconteceram muito antes dessas atitudes terem um rótulo), fala com carinho e admiração de diversas mulheres que serviram e servem de inspiração.

Achei um tributo bonito e importante. É necessário que mulheres elogiem mulheres, falem sobre suas parcerias, amizades, o quão inspiradas são por outras mulheres. Achei importante também ela se declarar feminista, ainda que desnecessário para quem leia a sua obra.

Mas o que me fez pensar nesse livro foi que Isabel conta que sua filha Paula (já falecida, ela conta sobre essa perda no livro Paula) sugeriu que ela não falasse tanto sobre feminismo, porque estava fora de moda, então no livro, Isabel escreve o seguinte:

"Tivemos uma discussão monumental, em que tentei explicar-lhe que o feminismo, como toda revolução, é um fenômeno orgânico, sujeito a constantes mudanças e revisões. Paula pertencia a uma geração de jovens privilegiadas que receberam os benefícios da luta de suas mães e avós e se sentaram nos louros, imaginando que tudo já estava feito. Expliquei-lhe que a grande maioria das mulheres ainda não havia recebido aqueles benefícios e aceitava sua sorte resignadamente."

Fiquei pensando nessa resistência da Paula e o quanto os livros que trazem feminismo no nome ou como tema assustam essas mulheres que não conhecem o significado desse movimento.

Talvez minhas dicas literárias pudessem ser outras, pudesse ser a própria Isabel Allende ou mesmo Conceição Evaristo, que também foi uma das minhas leituras de janeiro (sim, as férias renderam boas leituras).

Pensei nessas duas mulheres porque elas são próximas a nós, nossa cultura latino-americana nos une, talvez mais do que imaginamos, pois, lembro que, na primeira vez que li Isabel Allende, fiquei muito surpresa porque entendia e reconhecia todas aquelas histórias que ela estava contando em A Casa dos Espíritos.

Meus avós moravam no interior do estado do Rio

e meu avô materno era um grande contador de histórias.
Meu avô contava sobre lobisomem (que inclusive era um cunhado dele), sobre um cavalo sem cabeça que cruzou por entre a cerca, na frente dele e do seu irmão, sem ter qualquer arranhão - ok, não é tão surpreendente, o cavalo já não tinha cabeça (acho importante ressaltar que todas essas histórias que ele contava sempre tiveram a confirmação de veracidade da minha avó).
Então, quando abri as páginas da história contada por Allende e me deparei com seu realismo mágico, me senti realmente em casa.
Além de toda essa magia e identificação, encontrei mulheres que eram as protagonistas, mulheres fortes, cheias de intuição, que lutavam por seus amores e seus ideais políticos.
Outros que li e indicaria da Isabel Allende seriam:
A Ilha Sob o mar, onde a protagonista do livro também é uma mulher. Mulher negra escravizada de nome Zarité e, assim, apresentou-me uma história do Haiti que eu não conhecia e descortinou as dores de tantas mulheres que passaram por essa barbárie.
A Soma dos Dias, uma obra autobiográfica, ou seja, Isabel Allende é a protagonista e conta de forma corajosa sobre suas perdas e glórias (conta também algumas curiosidades, como a reação da família ao saber que A Casa dos Espíritos viraria filme de Hollywood e, com isso, a perdoaram por contar histórias tão intimas da família).
Já Conceição Evaristo, assim como Isabel Allende, não é escritora de um gênero literário específico, ambas são escritoras. Poesia, romance, realismo mágico, contos e ensaios.
Da Conceição li Olhos d'água. Nesse livro você não encontra a palavra feminismo em nenhuma página, mas encontra-o impregnado em cada linha.
Chorei muito nos contos de Olhos d'água. Diferente das histórias que Allende contou em A Casa dos Espíritos, um realismo cheio de magia, os contos de Conceição falam de fome, de perdas brutais, de uma violência que apesar de existir no país em que vivo, eu nunca vivi.
Mas a realidade que a Conceição conta não é tão distante assim. No conto O cooper de Cida, ela escreveu o seguinte:
"A vida seguia no ritmo acelerado do seu desejo. Trabalho, trabalho, trabalho. O dia entupido de obrigações. A noite festejada por encontros de rápidos gozos. Os amores tinham de ser breves. Cursos, estudos, somente aqueles que proporcionassem efeitos imediatos. Nada de sala de aula durante anos e anos e de leituras infinitas. – Aprenda inglês em seis meses. Garantimos a sua aprendizagem em cento e oitenta dias. – Nada de gastar tempo curto e raro. É preciso correr, para chegar antes, conseguir a vaga, o lugar ao sol, pegar a fila pequena no banco, encontrar a lavanderia aberta, testemunhar a metade da missa. O padre era lento e o ritual também. (...) A moça imprimia mais e mais velocidade a sua louca e solitária Corria contra ela própria, não perdendo e não ganhando nunca. Mas, naquele dia, a semidesperta manhã inundava Cida de um sentimento pachorrento, de um desejo de querer parar, de não querer ir. Sem perceber, permitiu uma lentidão aos seus passos, e pela primeira vez viu o mar."
Lendo novamente essa fração do livro, me vem na mente a moça que minha amiga Cris encontrou e que se diz não feminista. Ela deve estar correndo muito. Deve estar correndo tanto que não parou um segundo para ver o mar de mulheres que precisam do feminismo. O mar de sangue dos feminicídios, a exploração do trabalho feminino, muitas vezes impostos por outras mulheres. Talvez ela não tenha percebido o quanto ela é feminista em suas atitudes.
Essa fala da Chimamanda, no Roda Viva, acho que se aplica em muitos casos:
"Quanto ao ativismo, não acho justo esperar que toda mulher feminista seja ativista, fazer algum tipo de trabalho para promover a causa do feminismo.
Algumas mulheres não podem se dar ao luxo de serem ativistas, e não apenas em termos materiais. Para algumas, o ativismo é emocional e mentalmente difícil.
Mas ainda assim são feministas. A feirante da minha cidade ancestral que largou o marido que abusava dela, conseguiu alugar um salãozinho e começou a trançar cabelos, que está criando seus dois filhos e duas filhas de forma igual, ensinando as tarefas domésticas, fazendo os meninos e as meninas estudarem, acho que ela é feminista."
Entendo que não é necessário carregar bandeiras para ser feminista e que existem mulheres que não se veem em algumas bandeiras que são erguidas pelo movimento. Mas não posso deixar de exaltar essa luta e essas lutadoras que nos precederam e que são ainda hoje a nossa voz. Por isso o diálogo é importante e quando ele não for possível, que a literatura seja um caminho.

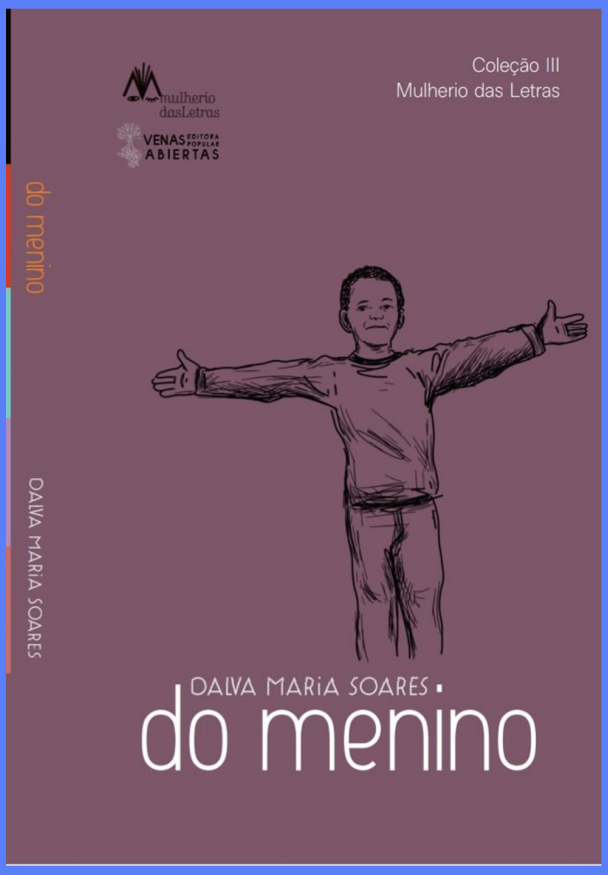


SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO

"SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO" -

Um apreciação de Tônio Caetano

SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO
SEMPRE COM VOCÊ NO MEU CORAÇÃO



Ela abre o roupeiro. Não é bem abrir, porta escorada quase a arriar. Talvez nem seja um roupeiro, então a mão puxa a última gaveta da cômoda, a alça do baú antigo ou a caixa empoeirada embaixo da cama. É lá, entre roupas e badulaques com cheiro de antigo e sabonete, que está o seu tesouro, o tesouro da memória, as fotos da família. Algumas fotos em envelopes amarelos, outras em álbuns 10x15cm, Maxicolor, Proficolor, Kodak Express. Assim a minha mãe, a tua mãe, a mãe do vizinho, a tia, a nossa avó, mulheres que não têm conta no Google Fotos, guardam momentos, pessoas, caminhos, guardam-se e nos guardam. E hoje, neste dia em que você está na cadeira da cozinha, ela, entre uma tarefa e outra, sente que pode compartilhar contigo um pouco dessa história.

Foi assim que me senti quando terminei de ler "Do menino", Editora VenasAbiertas, 2021, o segundo livro da escritora Dalva Maria Soares. Meus olhos viram mais que palavras, literatura. Meus olhos folhearam um álbum de fotografias organizado por uma mãe negra, desde a decisão de ter o filho, passando por momentos da educação, das vivências da criança, do adolescente e do jovem adulto frente ao mundo.

Esta imagem me fez voltar à leitura de "Para diminuir a febre de sentir", Editora VenasAbiertas, 2020, primeiro livro de Dalva Maria Soares. Nesta escrita, temos outro álbum. As fotos são da Dalva filha, da Dalva irmã, da Dalva que se torna mulher, mulher do povo. Em "Para diminuir a febre de sentir", a escritora nos permite conhecer um pouco da sua mãe, pai, irmãos, vizinhas e vizinhos. Também das saudades, sonhos, amores e aprendizados que se projetam para o futuro. Ao caminhar por Baldim, ao encontrar rostos tão parecidos com o nosso, também diminuímos a febre de sentir e respiramos melhor. Estamos diante de quem veio antes, da coragem necessária para dizer o que sente, da beleza da maturidade e do amor de irmãos. E ainda da força e do sentido de reconhecer a linhagem a que se pertence, ancestralidade e força presentificadas a preparar o caminho dos que virão.

De volta ao "Do menino", compreendemos que há sempre um "nós", há sempre duas perspectivas nas fotos: a de quem dá o click, escreve, e a de quem é fotografado e tem a imagem e o momento eternizados. E, ao ler este álbum, temos acesso a momentos do percurso do menino e também da mãe: "sabe que estou sempre buscando o melhor pra nós", "Entendeu, filho? Nós não temos saída, é seguir em frente!".

E mesmo não sendo a situação presente em "Do menino", é preciso dizer que nem sempre as mães conseguem alcançar os filhos. Nem sempre os filhos conseguem compreender as mães. São mundos interligados, mas que podem se distanciar no contraste das gerações, no que acontece da porta pra dentro.

Além disso, observamos pelas ruas mães carregando filhos pela mão, mães indígenas rodeadas por seus filhos, mães peruanas com filhos atados às costas etc., mas estas imagens

não nos trazem a dimensão da relação, da luta e das reflexões dessas mulheres. Adentrar um pouco nesta instância é o que nos permite Dalva Maria Soares.

Paralelo à leitura de "Do menino", li "Vivendo pela palavra" de Alice Walker. No prefácio do livro, Alice agradece à filha Rebecca: "sem seu amor, sempre voltado para mim, eu não teria claridade suficiente para ver o caminho". Assim podemos também ler os diálogos, palestras, problematizações, argumentos e contra-argumentos, mas sobretudo respeito, abraços, boa música e momentos de respiro de Dalva Maria Soares e do menino: uma mãe que ao educar o filho também se educa.Uma mãe que ao orientar o filho também se orienta. Uma mãe que ao ensinar o filho a caminhar também faz a sua própria caminhada.

Mas escrever é também um movimento para dentro. Escreve-se primeiro para si, para pôr ordem no mundo interno, para dizer "eu existo e este lugar também me pertence" e, como diz a escritora Gloria Anzaldúa, no ensaio "Falando em línguas": uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo, "Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia."

Por fim, voltando ao diálogo de Dalva Maria Soares com Alice Walker, fiquei a pensar que o primeiro jardim dos filhos está nos olhos da mãe. O olhar da mãe benze, fecha o corpo, orienta caminhos. Lá se pode morar no amor. E acho tão importante o último texto do livro, quando é o menino-homem quem fala. E ele diz amar e levar a mãe no coração pra sempre. É neste momento de saudade que a flor mostra a sua cor exuberante no jardim da mãe. É uma daquelas fotos que põe sorriso no rosto, aquece a memória do coração e atesta que nunca estaremos sozinhos.





VOCÊ SABIA?

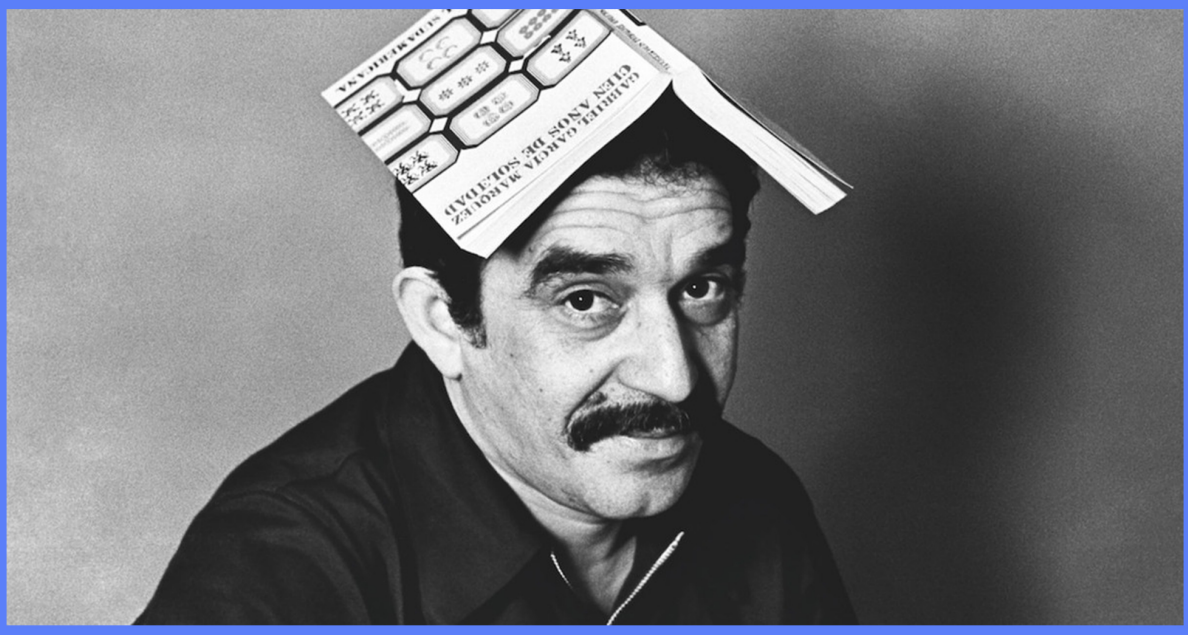
Produzir a Revista O Odisseu envolve muita pesquisa, trabalho e dedicação de diversas pessoas. Isso sem falar do investimento que sai de nosso próprio bolso. Por isso, se você deseja contribuir com esse projeto que sonha em democratizar a literatura, acesse nossa conta no APOIA-SE!

apoia.se/revistaoodisseu.

Ou então, FAZ UM PIX PARA A GENTE! Qualquer valor ajuda e nos impulsiona. Segue a nossa chave:

revistaoodisseu@gmail.com.

Obrigado!



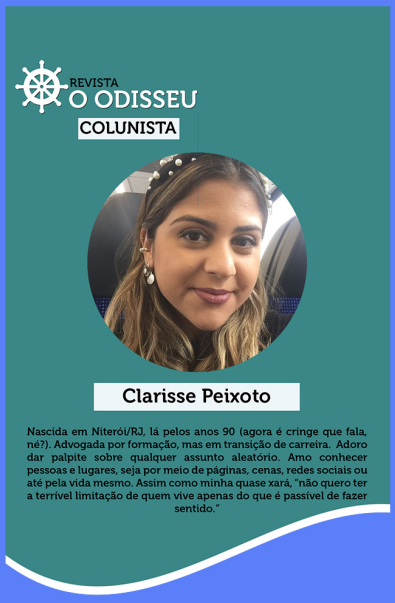
"As dores e as delícias da América Latina em Gabriel García Marquéz"

Por Clarisse Peixoto

Olá, queridos leitores!
Estou estreando a minha coluna aqui na revista esse mês. Nem sei te explicar como isso me deixa feliz... Mas também me deixa bem apreensiva e ansiosa. Será que vão gostar do que eu tenho a dizer? Bem, acho que vamos ter que descobrir juntos...
Passado esse misto de sentimentos contraditórios, passei à parte prática. Tem tanta coisa que eu quero dividir com o mundo (sim, meus queridos leitores são meu mundo), que eu nem sei por onde começar.
Então, comecemos pelo começo. Como já me apresentei anteriormente, vou pular esse lenga-lenga e vou direto ao que interessa. E o tema que eu escolhi para hoje é uma das minhas maiores obsessões. Eu poderia falar sobre isso por horas...
Em 6 de março de 1927, nascia um dos maiores gênios da literatura. Se não tivesse falecido em 2017, estaria completando 95 anos esse mês. E foi justamente em comemoração a essa data, e por ser ele o meu autor preferido, que esse texto será todo dedicado a ele: Gabriel García Márquez. E falar dele implica em invocar toda a magia inerente à América Latina.
De Aracataca à conquista do Prêmio Nobel de Literatura de 1972, Gabo (temos intimidade, podemos chamá-lo assim) percorreu um caminho de dificuldades, mas de muita "interessência". Se quiser conhecer mais detalhes da sua vida, recomendo que leia sua autobiografia, "Viver para contar", escrita quando o autor recebeu a notícia de que sua memória estava em vias de se esvair. Também recomendo que assista ao seu documentário, disponível na Netflix.
Conhecendo sua história, percebemos como sua obra é repleta de suas vivências. Seus personagens guardam muitas das características de seus próprios familiares e amigos. Vários acontecimentos de suas ficções imitam, de forma total ou parcial, a realidade. Até sua mais conhecida cidade ficcional, Macondo, pode ser comparada não apenas a Aracataca, mas a tantas e tantas cidades latinoamericanas.
Esses elementos misturados na obra de Gabriel García Márquez dão vida ao chamado Realismo Mágico (ou Fantástico, como preferir), corrente literária e artística latinoamericana que mescla magia e realidade. E o mais legal de tudo é a naturalidade com que a magia é tratada e inserida em situações de realidade, de cotidiano.
Em "Cem anos de solidão", por exemplo, há vários desses acontecimentos que parecem não ter qualquer explicação científica plausível, mas

que, no contexto em que se inserem, não levantam nenhum tipo de questionamento, como se fossem fatos normais, totalmente passíveis de acontecerem fora do imaginário. A cidade de Macondo, por si só, já é mágica.
Apesar de sua obra ser frequentemente enquadrada no Realismo Mágico (eu mesma acabei de cometer essa ousadia), Gabo discorda veementemente dessa classificação. Ele afirmava que "é só realismo. A realidade é que é mágica. Não invento nada. Não há uma linha nos meus livros que não seja realidade. Não tenho imaginação."
Parando para refletir sobre isso, num primeiro momento, podemos achar tudo muito estranho. Como aceitar que fatos irreais, sobrenaturais, totalmente inexplicáveis à razão humana fazem parte da realidade?
Para entender melhor tudo isso, dois passos são necessários. O primeiro passo é conhecer um pouco da vida do autor. Calma, eu vou te ajudar nisso logo em seguida. O segundo passo é um pouco mais complexo e talvez eu não consiga te dar muito auxílio... Eu vou te falar qual é, mas só lá pro final desse texto, quando a gente der check no primeiro passo.
Antes de falar sobre a vida do grande Gabriel García Márquez, precisamos conhecer o menino Gabito. Eu já te contei que ele nasceu na cidade colombiana de Aracataca. O que eu não te contei ainda é que ele foi o mais velho de onze irmãos e, como seus pais precisaram tentar a vida fora de Aracataca, Gabo foi criado, durante boa parte da sua infância por seus avós.
Seu avô havia sido militar e viveu uma história bem parecida com a do Coronel, protagonista de "Ninguém escreve ao coronel", que passa a vida esperando sua aposentadoria. Embora "Cem anos de solidão" seja seu mais festejado livro, Gabo considerava que sua grande obra-prima ("se é que escrevi alguma", acrescentou humildemente) teria sido a do Coronel.
Mesmo quando Gabo ainda era bem novinho, com apenas cinco anos, o seu avô, que era pura razão, lhe falava como se falasse com um adulto.
Sua avó, por outro lado, era toda emoção e respondia todas as suas perguntas de criança com base nas suas superstições. Era ela também quem lhe contava histórias fantásticas e fábulas. Tenho certeza que você também conhece alguém assim.
Não seria o Realismo Mágico de Gabo essa combinação de razão e de emoção?
Desde bem pequeno, aos cinco anos, Gabo já escrevia, pois, queria impressionar a professora, por quem havia se apaixonado. Seu pai dizia que era "um grande embusteiro". Enquanto foi capaz de escrever, nunca mais parou. Já na velhice, perto de sua morte, acometido pela demência senil, deixou de usar as palavras para encantar o mundo.
Gabo só voltaria a viver com os pais após a morte do avô. Seu pai era telegrafista e tinha uma farmácia (se você estiver familiarizado com "O amor nos tempos de cólera", talvez esses fatos te chamem atenção. Se não estiver, vai entender do do que estou falando se um dia fizer essa leitura. Deixa eu mudar logo de assunto pra não correr risco de dar algum spoiler). Sua mãe era dona de casa e cuidava dos seus irmãos menores.
Aos 13 anos, conseguiu uma bolsa no Internato do Liceu Nacional de Zipaquirá e precisou se despedir novamente dos seus pais. Lá, conheceu o professor de literatura que botou na sua cabeça "essa bobagem de escrever", Carlos Julio Calderón Hermida.
Quando terminou seus estudos, pressionado pela família, começou a Faculdade de Direito, em Bogotá. Mas não era a isso que ele desejava se dedicar. Pressionado por seus pais para se manter na faculdade, Gabo bateu o pé e respondeu a uma das investidas da sua mãe da seguinte forma: "A única coisa que eu quero na vida é ser escritor, e vou ser." E ele foi. Não só. Ele revolucionou a Literatura, dando visibilidade às dores e às delícias da América Latina.
Gabo também se destacou no jornalismo. Algumas de suas obras, como "O escândalo do século" e "Relato de um náufrago" são frutos desse casamento de sua forma única de contar histórias com a narrativa de fatos reais.
Gabo casou-se com o amor de sua infância, Mercedes Barchay, com quem teve dois filhos, Rodrigo e Gonzalo. Rodrigo, cineasta, vem trabalhando com a Netflix numa adaptação para "Cem anos de solidão".
Como nada em sua vida era tranquilo, sua vida política também foi agitada. Gabo viveu em Cuba por um tempo e foi amigo pessoal de Fidel Castro e, obviamente, acabou sendo rotulado de comunista. Por um bom tempo, nem conseguia renovar seu visto para entrar nos Estados Unidos. Quando recebeu o Prêmio Nobel, estava exilado no México, sem poder retornar à Colômbia sem que fosse preso.
Em 1999, descobriu um câncer linfático, com o qual conviveu até sua morte, em 17 de abril de 2014.
Esse foi um breve resumo da vida de Gabriel García Márquez. Ainda tem muitos e muitos detalhes que poderiam ter sido acrescentados, mas vão ter que ficar para uma próxima.
Acho que agora estamos aptos a passar ao segundo passo para melhor compreensão do que Gabo quis dizer quando disse que sua obra era apenas de realismo, sem ser mágico.
Eu não sei se você vai concordar comigo, mas eu acho que nós, brasileiros, vivemos um pouco apartados do resto da América Latina. O que eu quero dizer com isso é que a gente não se identifica, não se sente exatamente parte desse todo. Para mudarmos esse panorama, precisamos conhecer as latinidades, para, então, amá-las.
O contato com autores latinoamericanos (principalmente com Gabo) me fez despertar para o fato de que temos muito mais similaridades do que diferenças com os nossos vizinhos.
Sofremos os mesmos processos de formação, de exploração, de libertação (ainda incompleta, talvez). Sangramos pelas mesmas veias ainda

veias ainda abertas, para usar a expressão do também maravilhoso Eduardo Galeano.
Precisamos, então, entender que pertencemos a essa América Latina, que é tão rica, que é tão plural, que é tão mágica. Somente então seremos capazes de sentir a obra de Gabo, o que é muito mais importante do que compreendê-la.
Despeço-me de duas formas diferentes. Para os que já conhecem e amam Gabriel García Márquez, espero que tenham gostado do que leram. Para os que ainda não o conhecem, fica um conselho: Sinta Macondo. Viva Macondo. Ame Macondo. E então compreenderá não só Macondo, mas tudo que ela representa.



"Eu tenho um zumbi, besouro, chefe dos tupis, sou tupinambá, tenho os erês, caboclo, boadeiro, mãos de cura, morubixabas, zarabatanas, cocares, arco-íris, flechas e altares... A velocidade da luz, o escuro da mata escura. Tenho Jesus, Maria e José, todos os pajés em minha companhia. O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos. O poeta me contou:
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só
Não meche comigo, eu não ando só

Deixem-me só! Mas saibam que eu não ando só.

Pedro Henrique - O Canto das Sereias

Em muitos momentos, a vida se impõe de maneira tão bruta e violenta que nos resta apenas chorar. E só, com a alma nua e transparente, chorar em demasia como se mergulhasse nas profundezas escuras do oceano e ali permanecesse como se fosse por toda a eternidade. Naquele isolamento abissal, as memórias fluem violentamente pela mente. A pobreza inerente. A aridez social. Os amores incautos. A amargura de viver. Os ataques injustificáveis. Sem saída, a raiva domina e junto com as lágrimas, explodem em uma força que nos impele a lutar. A seguir em frente. A encontrar a paz de espírito. O isolamento choroso e raivoso é alquimia perfeita para a manutenção da sobrevivência. Nem sempre lutar diretamente é a melhor escolha. Muitas vezes, buscar a si mesmo em isolamento e expressar-se sem medo e rodeios é a escolha definitiva para se manter vivo. Reencontrar-se. E lembrando que não andamos só! Não mexam com nós!

Em seu quinquagésimo álbum, "Oásis no Sertão", "...um disco muito nu...", Bethânia se inspirou em um texto próprio para nomeá-lo, em que o sertão brasileiro é o seu oásis, "onde não tem nada, não tem água, então falta tudo, a vida é seca. É uma condição limite que Deus coloca e, para mim, isso é como se fosse uma fonte, uma nascente muito pura. Para eu não me perder, tenho sempre de lembrar que existe esse lugar no meu país". Na capa, uma paisagem árida do sertão nordestino. Um momento só de Bethânia. Bethânia consigo mesma.

"Lágrima", de Cândido das Neves, abre o disco. Em melancólica amargura, o eu-lírico declama sua mágoa por algo que o fez sofrer e deve pagar por isso. Acompanhada de um único instrumento, a voz de Bethânia reverbera lágrimas amargas como se um desejo de vingança jamais pudesse ser alcançado, embora a dor dure para todo o sempre. "O velho Francisco/Lenda viva", de Chico Buarque, com a força rítmica do violão de Lenine, reverbera que de tudo e todos na vida do eu-lírico, "...vida veio e me levou", e a voz de Bethânia diz isso com um peso nas palavras como se fizesse intencionalmente doer de maneira incisiva em nós a natureza implacável do tempo. Enquanto isso, em "Vive", o eu-lírico diz ao seu amor que deixe o tempo tudo resolver. O tempo que machuca também cura. Dê tempo ao tempo, pois esse Senhor sabe o que faz.





O álbum também possui inspirações no fado, estilo musical português: em "Casablanca", melancolia, nostalgia e cordas musicais permeiam a canção. "Calmaria/Não sei quantas almas tenho", com citação de Fernando Pessoa, reflete sobre a calmaria como um castelo de areia, em que o "...vento vem e leva embora", e, ao mesmo tempo, que é desejada, é afastada em prol das tempestades que a vida nos traz, trazendo não só tristeza, mas também emoções inesquecíveis como o amor e nos mudando para sempre. Na citação, um trecho que reflete a despersonalização característica do autor. A instabilidade da vida é presente, assim como a da calmaria que o "...vento vem e leva embora". A estranheza mencionada retoma o uso recorrente de pseudônimos por Pessoa, de tal forma a expressar em outras vidas as suas próprias vidas, como se quisesse proteger a si mesmo de sua própria vida, causando estranheza. No trecho "De tanto ser, só tenho alma", a racionalização de tudo reflete um desejo de recusar as emoções, de buscar a calmaria, de evitar o inevitável caos. O poema, como um todo, também reflete a solidão de Pessoa. Talvez Bethânia tenha encontrado voz na desejada solidão para a realização desse disco nos versos de Fernando. "Fado", com uma leitura brasileira através da utilização de viola caipira ao invés da guitarra portuguesa, homenageiam Portugal sem esquecer o Brasil, mais especificamente, o sertão do Brasil. "Barulho" reflete um eu-lírico que, apesar de toda a traição e dor causada por seu amor, jamais faria o mesmo, pois só sabe "amar direito", nasceu "...com esse defeito no coração". Dramática e intensa.

"Lágrima/Calúnia" soa como um prelúdio para o que vem a seguir. "Pois quem com ferro fere, com ferro será ferido" avisa a cantora. Dito e feito, a canção seguinte, "Carta de Amor" não é sobre amor. Sarcástica, afrontosa, uma resposta às calúnias. Fica difícil não associar à polêmica em que a cantora se envolveu no ano anterior ao lançamento do disco, em que ela teve autorização do Ministério da Cultura para a captação de R$1,3 milhão e consequente criação de um blog com interpretações suas de poesias. A notícia iniciou uma série de discussões que culminou na desistência de Bethânia com o projeto. Mas como avisado pela cantora, "Pois quem com ferro fere, com ferro será ferido". E "Carta de Amor" deixa o aviso repetidas vezes: "Não mexe comigo que eu não ando só/Eu não ando só, que eu não ando só", ela expressa por trás de uma aparente alegria uma mágoa: "o que é teu já tá guardado/não sou eu que vou lhe dar". "Você está tão mirrado que nem o diabo te ambiciona". Depois da tour de force de "Carta de Amor", o disco é encerrado com "Salmo". Após expressar tristeza, raiva, medo e sarcasmo, ela encerra o disco com paz de espírito. Não quer a calmaria que até então cantara. Quer a tempestade. A ventania. "Virar um passarinho/Cantando a vida assim/Cantando além de mim/E além de além do fim".

Se a polêmica mencionada foi o estopim para o isolamento e reencontro de Bethânia expressados no presente disco, se foi apenas a gota d'água para ela ir ao encontro de seu Oásis e chorar e expurgar toda a sua mágoa e dor, não saberemos. Porém, a arte salva. E no isolamento pessoal submerso no próprio infinito particular, podemos encontrar as respostas que precisamos nos momentos difíceis, a coragem para fugir da calmaria, a força para expressar nossas mágoas, a paz de espírito. Bethânia transformou em arte. Para nós, mortais, cabe a exorcização do nosso sofrimento ser a arte por si só. No final de tudo, fica a pergunta: Caro leitor, quando a vida te coloca para chorar, qual o seu oásis?




Estufando o papo, o sapo-tanoeiro pulou,
Aí parado, deu de cara com a forma, pulou,
Do outro lado da rua, um bicho doido gingava
Ficou a lhe admirar, o sapo-tanoeiro girou num pulo ligeiro e
Diante disso, o sapo não quis nem saber, avançou em direção
Quando o batráquio chegou mais perto, viu que o bicho bailarino não era nada de pequenino, mas um gigantesco torvelinho que,
sem fazer muito esforço, arrastou o pobre cururu, nem deu tempo de o bicho se lamentar.
Depois de muito admirar, Ruminou um tanto consigo, imaginou que o ente que rodopiava a sua frente não era coisa com a intenção de lhe abocanhar.
Ruminou um tanto consigo, imaginou que o ente que rodopiava a sua frente não era coisa com a intenção de lhe abocanhar.
Ruminou um tanto consigo, imaginou que o ente que rodopiava a sua frente não era coisa com a intenção de lhe abocanhar.
Depois de muito admirar,

Uma Tarrafa Literária...

Por Wesley Vasconcelos

Olá pessoas,
Cá estou eu, mais uma vez.
Neste mês de março, comemora-se o Dia Internacional da Mulher. Então, resolvi que, dessa vez, seria ótimo falar sobre uma escritora incrível que conheci recentemente.
O nome da ícone é Madeline Miller.
Ela é estadunidense, nascida em Boston. Fez graduação e mestrado em clássicos pela Universidade Brown, e é professora de latim, grego e Shakespeare há mais de quinze anos. A gata é estudada, viu?
Escritora, professora e pesquisadora. E também uma tecelã de histórias.
Suas duas principais obras são A Canção de Aquiles (2011) e Circe: um romance (2018). Ambos publicados no Brasil pelo selo Minotauro da editora Planeta. Mais livros de mitologia grega, o que há de novo?
A novidade está na forma como ela fez. Miller é uma tecelã de histórias porque costura uma série de mitos e histórias gregas com uma maestria única. Para A Canção de Aquiles foram dez anos de pesquisas até chegar na versão final. Ela resgatou textos clássicos de Virgílio, Ovídio, Sófocles, Ésquilo, Eurípedes e Apolodoro de Atenas, para se somarem à narrativa homérica. Madeline reuniu tudo isso em um enredo que, mesmo feito a partir de muitas vozes, contém uma unidade narrativa, linguagem simples e um texto com camadas de sentido e poesia nas sentenças.
O livro é "uma releitura da Ilíada, em que a glória de um semideus encontra o amor de um príncipe" segundo o que diz na capa, achei tão bonito que resolvi reproduzir aqui. E a gente já sente o impacto né.
Desde quando sua mãe leu a Ilíada para ela quando criança que Madeline se interessou por Pátroclo. Afinal, era um personagem secundário que teve um impacto central na famosa guerra de Tróia. Então, quando cresceu e resolveu contar essa história, naturalmente, a escolha para quem seria o narrador não foi difícil, era chegada a hora de dar voz a Pátroclo.
É muito interessante a forma como ela vai contando toda a história tradicionalmente conhecida pela ótica desse personagem. Ficamos por dentro do acordo dos pretendentes à mão de Helena, do nascimento de Aquiles, os antecedentes da guerra e todos os seus acontecimentos e desdobramentos. Ao mesmo tempo, somos convidados a conhecer uma história de amor linda, corajosa e que dá um tom muito único para a narrativa.
A construção dos personagens é desenvolvida de uma forma ideal, sem exageros ou faltas. A forma como os outros personagens da Ilíada nos são apresentados é feita de uma forma natural, sem ofuscar o casal e também sem ser de uma maneira mecânica, como se só tivessem sido apresentados porque tinham que estar lá. Miller seria o orgulho de Atena.
Além disso, não é uma história contada como as de Percy Jackson, que são voltadas ao



público infanto-juvenil e trazem elementos das novas gerações para tornar os mitos mais próximos de suas realidades. Madeline traz debates atuais no contexto da obra homérica. Fala sobre abusos que foram romantizados pelos mitos, julgamentos ao nosso casal protagonista (nem vou detalhar aqui porque quero que vocês leiam), entre outros. Ela também faz reflexões dignas de legenda de foto conceitual no insta sobre o amor, o orgulho, a eternidade, a morte e o luto.

Enfim, é um livro sensacional. Esperava mais uma história baseada nos mitos. Recebi uma história totalmente nova e, que ao mesmo tempo, respeita todos os mitos (e você viu como foram muitas fontes), trazendo uma perspectiva nova, cenários incríveis, explorando o lado humano e divino de aquiles como só ela foi capaz de fazer. Chorei demais no final e só não engatei a releitura porque Circe me aguardava.

E falando em Circe...

Ai, minha gente, sem condições. Mas vamos lá. Circe é narrada na Odisseia como a bruxa que transformava homens em porcos, e fez isso com a tripulação de Odisseu. Em Percy Jackson e o Mar de Monstros ela aparece como vilã também. No livro, conhecemos a história dela, pelos olhos dela. E é onde a mágica acontece.

"Feiticeira, bruxa, entre o castigo dos deuses e o amor dos homens" é o que diz na capa do livro.

É um livro maravilhoso, forte e foi a prova que Madeline Miller se garante. A bicha é destruidora mesmo viu?

A grande genialidade desse livro é o fato de ela trazer uma série de histórias da mitologia para o debate de gênero. De que forma? Discutindo o papel das divindades femininas, questionar a submissão, trazer à tona questões como solidão, maternidade solo, imortalidade, luto e as reinvenções que a vida pede.

Bem, um exemplo é que a grande maioria dos mitos, especialmente os que tratam das puladas de cerca de Zeus, trata-se de romantizações de estupros e abusos.

Circe é questionadora, além de ouvir o que os deuses dizem sobre os homens, busca ter as próprias conclusões.

Ela era filha do titã Hélio e da Ninfa Perseis. Era uma titânide? Deusa? Ninfa? Isso ecoa na nossa mente durante a leitura, justamente porque também não é algo nítido para a própria personagem.

E por que foi exilada? Transformava homens em porcos, mas por qual motivo? Como foi o encontro com Odisseu? E como foi a vida dela depois?

Madeline Miller traz a força de uma personagem feminina indomável, com poderes que chegam a ameaçar os olimpianos, mas que ainda assim, não está imune à opressão do patriarcal e machista. Vou até soltar uma frase não tão fora de contexto aqui "Eles nunca escutavam. A verdade é que homens dão péssimos porcos".

A escrita do livro é primorosa. Traz descrições com detalhes suficientes para que consigamos nos imaginar dentro de cada cena, sentir o que ela sente, o que chega a ser propositalmente desconfortável em alguns momentos. Um desconforto necessário.

O livro gera um espelho de sentimentos. Circe é cativante, conhecendo o mundo a partir de sua perspectiva e de seus pensamentos, que vão sendo construídos ao passo em que ela cresce, passamos a ver o mundo como ela vê, ou pelo menos entendemos sua visão. Sentimos o que ela sente e nos apegamos cada vez mais a história. Além de tudo, é cheia de reviravoltas, personagens conhecidos da mitologia, como Pasifae, Minos, Minotauro, Atena, Dédalo, Apolo, Hermes, Ariadne, Telêmaco, Penélope e muitos outros.

As obras de Madeline são daquelas que parecem simples, mas que causam mudanças profundas no leitor. Nos tornamos melhores depois de lê-la. Histórias conhecidas como nunca vimos. Novas perspectivas que fazem com que a riqueza das obras clássicas seja ainda maior, e que reforça a potência dos clássicos como contribuições atemporais para a nossa forma de ver e entender o mundo.

Em A Canção de Aquiles, ela faz a guerra de Tróia orbitar a história de amor entre dois homens.

Em Circe, a Odisseia passa a ser um dos satélites que giram em torno de uma bruxa, feiticeira, titânide, deusa... enfim, de uma mulher com uma força de vontade inspiradora, e com força capaz de segurar o mundo nos ombros para garantir segurança aos seus.

Neste mês da mulher, minha homenagem é para ela, como uma forma de agradecimento;

Já sabia quem ela era? Não sabia? Pois agora você tá sabendo! (não poderia me atrever a perder a oportunidade de usar esse meme)

E o update das minhas leituras do momento:

A Canção de Aquiles (sim, pela segunda vez) - Madeline Miller

O Quarto Poder - Paulo Henrique Amorim

O Corcunda de Notre Dame - Victor Hugo

It a Coisa - Stephen King

A Bela e a Fera - Versões das Madames de Beaumont e de Villeneuve

As Intermitências da Morte - José Saramago

O Homem do Castelo Alto - Philip K. Dick

P.S. Eu Te Amo - Cecelia Ahern

E é isso, pessoal!

Xeros literários, qualquer coisa, só mandar email.

Já leram algum dos livros que comentei aqui? Se sim, mandem email! Preciso comentar sobre eles!!!

wesleyguilherme1998@gmail.com



“Um colário chamado Evelyn Hugo”,

de Adriely Yamotto

“O mundo não dá nada de graça para ninguém, só tira de você. Se conseguir aprender alguma coisa comigo, provavelmente vai ser isso.”

Já fazia uns dois anos que o livro Os sete maridos de Evelyn Hugo figurava na minha lista de desejos de leitura. Não me concedo o rótulo de leitora assídua, sou mais próxima de uma leitora freestyle que precisa de altas doses de motivação para iniciar qualquer leitura que seja, entretanto, certos livros me consomem e em pouquíssimo tempo termino de ler. Evelyn Hugo é uma dessas leituras.

Vamos conhecer o enredo: Monique Grant é uma jornalista iniciante, insatisfeita com a carreira, às voltas com o fim precoce do seu casamento e um iminente divórcio. Ao chegar à Revista Vivant, onde trabalha há um ano escrevendo apenas matérias patrocinadas sem grande destaque ela recebe a notícia de que Evelyn Hugo, grande musa do cinema Hollywoodiano está interessada em dar uma entrevista exclusiva à revista com uma condição: A entrevista só será concedida a ela. Ninguém mais.

Evelyn Hugo é uma estrela, a queridinha de Hollywood por décadas a fio. Indicada várias vezes ao Oscar e dona de, pelo menos, uma estatueta, sua carreira além de avassaladora foi permeada por alguns escândalos e a marca expressiva de 7 casamentos. Agora Evelyn Hugo quer finalmente falar. Monique é enviada ao apartamento em Upper East Side para iniciar a entrevista da sua carreira, mas, novamente, Hugo a surpreende: Evelyn nunca quis conceder uma entrevista à Revista Vivant ou à qualquer outra. Evelyn, agora nos seus 79 anos, escolhera Monique Grant para escrever a sua biografia, sem pudores, sem romantização, irrestrita e póstuma.

Por que uma grande estrela havia escolhido uma jornalista desconhecida para sua biografia? O que ela quis dizer com biografia póstuma? Aquilo estava mesmo acontecendo?

Com um início envolvente e misterioso a autora capta a atenção e aguça a curiosidade do leitor. De repente, saber o que Evelyn Hugo tem pra contar e os motivos dela para isso passa a ser uma necessidade para quem lê.

Ao longo da narrativa de sua vida Evelyn conta à Monique e ao leitor cada detalhe da sua jornada: o que a fez ser uma estrela, como era lidar com a sociedade de cada época e, claro, como foi cada um de seus sete casamentos e como eles afetaram a sua carreira.

Cada marido recebe um capítulo dedicado e uma alcunha: o esperto, o decepcionante, o maldito... e estão diretamente ligados aos seus altos e baixos em Hollywood. A história de Evelyn Hugo exerce o mesmo fascínio que a própria dona.

A narrativa acontece em duas linhas temporais, a atual onde Evelyn concede a entrevista e é narrada do ponto de vista de Monique e uma segunda linha, narrada pela própria Evelyn, que remonta as décadas anteriores. Vira e mexe, a pergunta sobre o porquê ela teria escolhido Monique sempre bate à porta, mas se torna secundária assim que a narrativa volta para sua história de vida.



Sem revelar muito do enredo, essa é uma boa introdução para a sua leitura, que eu recomendo fortemente que seja feita o quanto antes. Os sete maridos de Evelyn Hugo é um livro da escritora estadunidense Taylor Jenkins Reid publicado no Brasil, em 2019, pela editora Paralela. Esse livro, junto com Daisy Jones & The Six, outra publicação da autora, figurou no topo da lista dos mais vendidos do The New York Times e vem conquistando legiões de fãs ao redor do mundo.

Com uma história simples e fluida, Os sete maridos de Evelyn Hugo, contrasta justamente pela complexidade de sua personagem principal, seus altos e baixos, seus sacrifícios por amor e o preço de suas escolhas para si e para as pessoas ao seu redor.

Evelyn Hugo declara: “Todo mundo que eu amei já morreu. Não tenho mais ninguém a quem proteger. Ninguém mais por quem mentir, a não ser por mim mesma”. O único desejo dela é deixar claro quem ela realmente é e o quão diferente sempre foi da sua falsa vida de estrela de cinema exposta em escândalos nas páginas da imprensa.

Os sete maridos de Evelyn Hugo toca em várias feridas abertas da sociedade americana entre as décadas de 50 e 80 e que, por mais insólito que possa parecer, ainda não estão cicatrizadas nos dias atuais e não somente na sociedade norte-americana: xenofobia, relacionamentos abusivos, violência doméstica, pressão estética, sexualidade feminina, relacionamentos LGBTQIA+ entre outros vários

pontos.
Esse livro é um acontecimento de várias formas diferentes, mas quero focar no que Evelyn Hugo, enquanto mulher, consegue demonstrar com cada relato sobre sua vida: ser mulher é um exercício diário de resistência.
Ao iniciar a narrativa de sua vida Evelyn nos revela que é cubana e abandonou seu sobrenome latino por uma exigência de Hollywood que não teria espaço para uma mulher tão explicitamente latina. Órfã por parte de mãe desde os 11 anos, selou seu primeiro casamento, ainda menor de idade, como uma forma de fuga, tanto da pobreza nova-iorquina quanto de um possível abuso sexual do próprio pai.
Evelyn explica que aos 12 anos começou a "ganhar corpo" e se você que está lendo este texto for uma mulher, você sabe exatamente o que isso quer dizer, o mix de sentimentos; vergonha, medo, insegurança e muitos olhares abjetos no caminho da escola. Se você que me lê neste momento é um homem, isso também é um problema seu. Evelyn passou por uma hipersexualização ainda menina, o que continua sendo um grande elefante nas salas da nossa sociedade. O uso de termos como "lolita", "novinha", "ninfeta", reproduzem, como se fosse normal, essa hipersexualização que oprime tantas meninas ainda hoje.
Essa discussão sempre me lembra um verso de uma música popular no Brasil dos anos 90 que dizia: "O seu olhar roubou o que era meu. Suas palavras ecoam no meu destino". Deborah Blando. Sim, sou o tipo de pessoa que escuta Deborah Blando. Esse verso em específico me faz refletir que é exatamente esse o sentimento, um roubo do imaterial, algo não palpável, mas que é retirado das meninas assim que os corpos começam a despontar.
Evelyn sentiu todos esses medos e passou por cima deles para sair do subúrbio de Nova York: "Eu era linda mesmo aos 14 anos. Ah, eu sei que o mundo prefere mulheres que não têm noção do próprio poder, mas eu estou de saco cheio disso.". Não há nenhuma romantização neste ponto, Evelyn usou o seu corpo e os olhares que atraía como uma arma de defesa. O leitor não deve romancear nisso, tampouco fazer juízo de valor. As coisas apenas são o que são. E Hugo sabe bem disso.
Ao chegar em Hollywood precisou se adequar aos padrões desejáveis da época, se tornou loira, empalideceu a tez, emagreceu, mudou de nome para algo menos "mexicano" e se casou com a estrela que Hollywood apontava ser a certa.
Conseguia papéis minúsculos mas por ter um corpo belíssimo era constantemente taxada como um "par de peitos" sem nenhuma contribuição para fazer ao mundo das estrelas de cinema. Todos os homens eram atraídos, todas as mulheres odiavam, todos os tabóides exploravam, mas ninguém, de fato, se importava em saber quem era Evelyn Hugo.
Uma vida de fachada, desde alguns casamentos até mesmo amizades criadas para que os tablóides se divertissem. Evelyn era a rainha no tabuleiro de xadrez e se movia por todas as direções de forma estratégica, mas não importa o quão competente e sagaz seja uma mulher, sempre há um rei para colocá-la abaixo dele, por puro orgulho ferido e aos tapas, claro. Uma teia intrincada de farsas e armações que o brilho de Hollywood escondeu ou aumentou dependendo da direção dos ventos e das possibilidades de bilheteria.
É bem fácil nesse ponto traçar um paralelo entre a Hollywood dos anos de ouro e a nossa busca pelo parecer ser ao invés do ser de fato. Os nossos tribunais online, juízes e algozes das próprias sentenças de cancelamento, sempre tão mais cruéis com as mulheres que com os homens. O que vemos nas redes sociais corresponde apenas a um fragmento do que querem que vejamos. O que vende mais, o que chama mais a sua atenção, o que quer que seja que te faça odiar o seu corpo desde que você compre a solução do anúncio. Evelyn Hugo passou a vida mostrando fragmentos específicos de sua vida, o que condizia ao papel de uma mulher, e isso custou bem mais do que ela julgava estar disposta a pagar.
Durante toda a leitura foi impossível não lembrar de tantas outras personagens femininas espalhadas pela literatura, mas uma em específico me marcou muito, a Marquesa de Merteuil, do clássico francês As relações Perigosas. Evelyn e a Marquesa chegaram a mesma conclusão, que eu, particularmente, acredito que todas as mulheres deveriam chegar em algum ponto da vida: Numa partida sempre tão desigual, para os homens, as derrotas são apenas vitórias a menos, enquanto que para nós, a sorte consiste em não perder nunca. E mesmo isso é uma derrota porque não podemos simplesmente não lutar.
Nossos princípios não são nossos e nem do acaso, nos são dados sem reflexão, recebidos sem questionamento, reforçado por hábitos e cultivado por uma sociedade patriarcal que não nos anula, mas nos molda. Postula quem somos e até onde podemos ser. Evelyn Hugo não é só sobre a história de uma grande mulher, é sobre a grande história em que toda mulher se reconhece em algum momento. Evelyn Hugo é um corolário, sua própria obra, um encadeamento dedutivo que desnuda um conhecimento que todas nós temos latente, mas que é obscurecido pela realidade a que as mulheres são submetidas.
É quase impossível acreditar que Evelyn Hugo nunca existiu.
Por outro lado, é perfeitamente possível aprender com ela. O desfecho da história transforma Monique e nos transforma junto. Amamos, choramos, odiamos e voltamos a amar Evelyn Hugo em uma fração de segundos ínfima.
Eis uma obra que merece a leitura, merece a reflexão e merece muito mais que 5 estrelas. Os sete maridos de Evelyn Hugo merece medalha summa cum laude. Seu único defeito é acabar e nos deixar órfãs dessa mulher incrível.

FOTO DE CAMILA QUINTERO FRANCO - DISPONÍVEL NO BANCO DE FOTOS UNSPLASH



trauma

há trauma
duro que nem osso

há alma
funda que nem poço

que nem poço
sem fundo

que nem osso
profundo

enterrado,
fóssil

nos porões
do mundo.

Poema de Marcelo H M de Souza



Em Abril, estamos de volta. E você já sabe, para ter textos seus publicados na O Odisseu, envie seu conto, crônica, resenha ou poema para revistaoodisseu@gmail.com
Obrigado!



Em Abril, estamos de volta. E você já sabe, para ter textos seus publicados na O Odisseu, envie seu conto, crônica, resenha ou poema para revistaoodisseu@gmail.com
Obrigado!